

ao toque mais sensível do que o resto da ferida, e pela posição só podia ser o nervo peronêo superficial. A doente queixava-se de dormência na face dorsal dos dedos.

Em 11 de Maio de 1865 appareceram 4 ataques epileptiformes, dos quaes disse a doente nunca ter soffrido. A uma sensação de dôr que subio do dedo grande do pé esquerdo succedia a inconsciencia com as palpebras abertas, pupillas estreitas e dilatadas depois, e respiração fadigosa.

Os ataques, que muito se assemelhavam aos epilepticos, duraram cerca de 4 minutos, appareceram trez vezes na noite seguinte, e cessaram depois do uso *intus et extra* de morphina. No banho de pés, que não era agradavel á doente, subia pela perna uma dôr que se assemelhava á aura, porém não chegava a produzir as convulsões. No meiado de Maio V. Thaden depois de chloroformisar a doente fez a resecção de cerca de 6 centimetros de nervo espessado, até acima do limite da ulcera abaixo da cutis, ficando com tudo acima e abaixo cerca de 5 centimetros do nervo hyperplastico.

Cerca de cinco mezes depois da resecção appareceram ainda n'uma noite trez ataques de convulsões dos quaes a doente na manhã seguinte nada sabia, em consequencia d'um abcesso doloroso na planta do pé. D'esta epoca em diante porém nenhum outro reapareceo.

A porção excisada mostrava ao exame feito pelo professor Colberg, inflamação chronica do nervo que se achava acamado em tecido cellular endurecido; o nevrilemma tinha sido tambem atacado pela phlegmasia; em muitos pontos recordava o syphiloma de Wagner. (Deutsche Zeitschrift fur Chirurgie, 5.º pag. 520, 1875.)

RESENHA THERAPEUTICA

Pilocarpina, alcaloide do Jaborandi.—Segundo lemos no *London Medical Record*, o Sr. A. W. Gerrard, de

Londres, conseguiu isolar o alcaloide do famoso sudorifico brasileira, experimentando com muito trabalho e pericia nas cascas e folhas, e deu-lhe o nome de *pilocarpina*. Com esta substancia conseguiu elle tambem recentemente obter crystaes de nitrato e hydrochlorato d'este alcaloide.

Eis aqui em resumo o processo do Sr. Gerrard para a preparação da pilocarpina.

Faça um extracto molle da casca ou das folhas com 50 por cento de alcool. Digira isto com agua, filtre e lave. Evapore o filtrado até o extracto molle, ajunte-lhe ammonia com cuidado em ligeiro excesso, agite com chloroformio, separe a solução de chloroformio, e deixe evaporar; o residuo é o alcaloide pilocarpina, talvez com alguma impuridade.

Alem do alcaloide contem o jaborandi uma resina acre, acido tannico, oleo volatil e chlorophylla. A resina é solavel no ether, e goza de propriedades indicativas de serem devidos a ella os effeitos da sua applicação externa.

Foram preparados pelo modo acima indicado 45 grãos de pilocarpina. A esta foi-se ajuntando agua e acido sulphurico gotta a gotta, até dissolver o alcaloide, ficando neutra a solução. Deixando-a descansar por dez dias para evaporar lentamente, e não resultando crystaes alguns definidos, fez o Sr. Gerrard outras experiencias com o acido nitrico e hydrochlorico. Com estes foi mais feliz, e produziu nitrato e hydrochlorato de pilocarpina, em forma de crystaes, a qual será para o futuro aquella em que se ha de administrar este notavel medicamento.

Refere o Sr. Jameson, ajudante do Dr. Sydney Ringer, que meio grão de nitrato produziu em um doente em uma hora os effeitos therapeuticos usuaes de uma dose plena de jaborandi, e tambem que uma gotta de solução de nitrato (1 grão para 1 onça) instillada no olho de um doente, fez contrahir a pupilla até quasi o tamanho de um alfinete ordinario.

Comprehende-se o partido que d'esta ultima propriedade do sal de pilocarpina podem tirar os ophthalmologistas, possuindo este valioso succedaneo da eserina.